

Trabalhos Científicos

Título: Aumento Das Taxas De Sífilis Congênita No Brasil: Análise Comparativa Dos Anos De 2021 E 2022

Autores: EMANUELY SCRAMIM (UFFS), MAÍRA ROSSETTO (UFFS)

Resumo: O Brasil tem apresentado taxas altas e crescentes de sífilis congênita, decorrente da sífilis gestacional não tratada ou subtratada. Esta infecção quando transmitida ao feto via transplacentária ou pelo canal do parto, pode resultar em severas complicações fetais e neonatais. Analisar a incidência dos casos de sífilis gestacional e congênita no Brasil, comparando as taxas dos anos de 2021 e 2022. Estudo transversal, de cunho descritivo e com abordagem quantitativa. Foram utilizados dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), a partir do Boletim Epidemiológico da Sífilis de 2023. A coleta dos dados foi feita de maneira online em junho de 2024. Foi realizada análise estatística dos dados de 2021 e 2022, através das tabelas elaborados pelo Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis (DATHI), presentes no boletim epidemiológico. A taxa de detecção de sífilis gestacional (SG) continua alta no Brasil, com maior frequência nos últimos anos. Em 2022, foram notificados 83.034 casos de sífilis em gestantes. A taxa de detecção da SG subiu de 28,1 por 1.000 nascidos vivos (NV) em 2021 para 32,4 em 2022. Quanto à sífilis congênita, a taxa de incidência manteve-se estável, com 10,1 casos por 1.000 NV em 2021 e 10,3 em 2022, comparado a 8,9 casos em 2019 (período pré-pandemia). Em 2022, foram notificados 26.468 casos de sífilis congênita, representando um número importante de gestantes não tratadas ou com tratamento inadequado. Desses, 95,2% dos casos foram diagnosticados na primeira semana de vida, sendo 93,0% classificados como sífilis congênita recente, 4,2% como aborto por sífilis e 2,6% como natimorto. Houveram 1.811 casos de abortos e natimortos relacionados à sífilis em 2022, representando 78,6% dos desfechos desfavoráveis. Destaca-se que desde 2016, mais de 80% das gestantes diagnosticadas com sífilis congênita realizaram pré-natal, sendo 82,5% em 2022. Em 59,9% dos casos de sífilis congênita em 2022, o diagnóstico da sífilis materna foi feito durante o pré-natal. Em relação à mortalidade infantil, foram registrados no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), 200 óbitos por sífilis em crianças menores de 1 ano em 2022, com um coeficiente de mortalidade infantil específica por sífilis de 7,8 óbitos por 100.000 NV, um aumento de 8,9% em relação a 2021 (7,2 óbitos por 100.000 NV). Os dados apresentados revelam um cenário preocupante para a saúde pública no Brasil. Ainda, apesar da maioria das gestantes ter sido diagnosticadas durante pré-natal, não foi suficiente para evitar a transmissão da doença. O número significativo de desfechos desfavoráveis, como abortos e natimortos relacionados à sífilis congênita, sublinha a necessidade urgente de capacitar os profissionais e fortalecer as vigilâncias municipais e estaduais, para identificação, diagnóstico precoce e tratamento adequado, visando reduzir a mortalidade infantil associada à doença.